

DESIGN ANTROPOLÓGICO: GRAFITES DO CENTRO CULTURAL DOCA NA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA VISUAL

Amanda Bomfim Batalha Oliveira
amandabatalhart@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1199550769932239>

Ana Caroline Moreira
carol_moreira34@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5221558410173037>

Lucas Sena Prado
lucassenaprado025@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/6787559826806609>

Cassia Regina D'Antonio Rocha da Silva
cassiadant12@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1137495599294556>

Marcelo Almeida Santana
marceloamos@relicto.com.br

<http://lattes.cnpq.br/0422677589415112>

RESUMO

Existe uma vasta riqueza de grafites sergipanos para serem explorados, e dessa forma, o presente artigo se utiliza de uma metodologia de abordagem exploratória, baseando-se nos fundamentos da antropologia visual para realizar registros fotográficos dos grafites presentes no centro cultural Doca. No decorrer do projeto, foi realizada uma entrevista com o co-fundador para aprofundar a compreensão sobre o local, sua história e as perspectivas dos seus idealizadores. Além disso, ao destacar a relevância do Design Antropológico, o artigo procura estimular a reflexão sobre a integração eficaz entre o design e as ciências sociais, promovendo uma abordagem mais holística e inclusiva no processo de criação, considerando não apenas a estética e a funcionalidade, mas também a culturalidade e a identidade local. Por fim, com esse artigo, gerou-se um arcabouço imagético significativo, demonstrando uma parcela da riqueza que a expressão urbana sergipana traz para futuros projetos e pesquisa do design antropológico.

Palavras-chave: Antropologia visual; Centro Cultural; Grafite; Design Antropológico.

INTRODUÇÃO

O objetivo central do artigo se baseia no “registro dos grafites do centro cultural Doca sob a perspectiva da antropologia visual e seus benefícios para o design antropológico” e tem como motivação trazer o entendimento sobre o espaço cultural urbano e suas manifestações visuais. O design tem ligação com a compreensão das necessidades e da essência do indivíduo e, nesse

sentido, é necessário abraçar e interpretar as expressões culturais contemporâneas que moldam a identidade de uma comunidade.

O movimento do grafite se integra cada vez mais na sociedade como uma manifestação sociocultural de relevância. Não é apenas uma forma de arte urbana: é um idioma visual que reflete a diversidade, as questões sociais e as aspirações de uma comunidade. Adorna as paisagens e transmite mensagens, contos e desafios que ressoam com as experiências e aspirações de seus criadores e observadores. Compreender a linguagem visual e simbólica do grafite é essencial para interpretar a cultura atual e criar projetos de design que se conectem com o público, utilizando-o como uma fonte de referência. Entende-se, portanto, que a originalidade desta pesquisa reside na abordagem que combina o grafite com a antropologia visual como meios para o estudo no design antropológico do território sergipano.

Por fim, percebe-se oportunidades para pesquisas nessa interseção específica, proporcionando uma compreensão mais ampla das manifestações culturais contemporâneas. Pode servir como fonte de inspiração para designers, artistas, sociólogos e a comunidade em geral, impulsionando futuros projetos e pesquisas. Isso é relevante ao considerar a diversidade e a riqueza do cenário cultural da Doca, um centro que abarca uma ampla gama de expressões da arte contemporânea sergipana.

METODOLOGIA

A escolha da metodologia para este estudo é baseada na necessidade de realizar uma investigação da cultura dos grafites no contexto do Centro Cultural Doca. Nesse sentido, adota-se uma metodologia fundamentada em na abordagem exploratória, que usa ferramentas para análise desse nicho cultural, permitindo a exploração das perspectivas intrínsecas ao objeto de estudo. Segundo o estudioso Mattar (1994, p. 84) “[...] é apropriada para os primeiros estágios da investigação, quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são geralmente insuficientes ou inexistentes”.

Esta abordagem é principalmente qualitativa, na qual busca realizar uma análise aprofundada desse nicho cultural de forma empírica e faz uso da flexibilidade metodológica inerente à pesquisa exploratória. Direciona sua atenção para aspectos da realidade que resistem à quantificação, concentrando-se no espectro de significados subjacentes a ações humanas.

O principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais

como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. [...]. O pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções (BAUER; GASKELL, 2002, p. 57).

Uma das características centrais dessa metodologia é a ausência de preocupação com a geração de resultados. Em vez disso, o foco é explorar um novo espaço de conhecimento relacionado aos grafites. Busca-se apresentar dados que se apliquem a uma população mais ampla e adquirir uma compreensão inicial e descritiva do fenômeno.

Portanto, para a método do projeto, efetua-se a coleta de dados por meio de dois principais instrumentos: uma entrevista semi-estruturada com o co-fundador do centro e o registro fotográfico dos grafites. Essa estratégia possibilita obter uma documentação visual abrangente e, simultaneamente, aprofundar a compreensão do contexto em questão.

A entrevista representa um método pelo qual o pesquisador se posiciona perante o entrevistado, apresentando perguntas direcionadas com o propósito de coletar informações cruciais para a pesquisa. Nesse contexto, apresenta-se como uma ferramenta que proporciona uma visão da história do local e suas características distintas. Com isso, a entrevista semi-estruturada é adequada para o projeto, pois utiliza um roteiro flexível e permite que o entrevistado aborde as questões de forma subjetiva.

Na entrevista semi-estruturada, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador [...] está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementados por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. O uso de gravador é comum a este tipo de entrevista. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre. (MANZINI, 1990/1991, p. 154)

Já a fotografia, vem como uma ferramenta da antropologia visual, e é capaz de promover um registro não-verbal das dimensões complexas da estrutura social, identidade cultural e expressão psicológica (COLLIER JR, 1973, p. 49). O estudioso Name (2015, p.71) cita que "A fotografia possui as qualidades de reprodução precisa dos detalhes e de prova documental que a habilitam como ferramenta de registro de grande valor para a pesquisa etnográfica". Com isso, compreende-se que as imagens capturadas desempenham um papel fundamental de fornecer uma visão introdutória dos grafites, incluindo seus elementos simbólicos e estilos artísticos.

ANTROPOLOGIA VISUAL

A Antropologia Visual pode ser considerada um campo interdisciplinar que abrange aspectos das ciências sociais, artes e tecnologias de comunicação. Seu objetivo é explorar e interpretar as complexidades das culturas por meio da produção e análise de imagens visuais. Ela surge a partir do desdobramento natural da Antropologia, especialmente à medida que os métodos de pesquisa e as tecnologias avançaram. A princípio, está intimamente ligada à necessidade de aprimorar e diversificar os modos de observar, documentar e compreender as culturas estudadas.

No início, os pesquisadores contavam principalmente com observações escritas e relatórios textuais para descrever as sociedades e culturas que estudavam. No entanto, com o advento da fotografia, em meados do século XIX, os antropólogos perceberam o potencial da imagem visual como um meio poderoso para capturar e comunicar nuances culturais que eram difíceis de serem transmitidas apenas por meio da escrita. O registro fotográfico passa a se inserir na esfera das funções sociais, promove novas descobertas e perpetua a vivência histórica do homem (CAMPOS, 1996, p. 278).

À medida que os avanços tecnológicos e a era digital progrediram, o acesso aos meios de produção visual se democratizou, expandindo para um público mais amplo. Essas transformações contribuíram significativamente para ampliar a importância da Antropologia Visual, fortalecendo sua ligação com a realidade social e consolidando-a como uma ferramenta essencial para a análise antropológica. Podemos observar essas mudanças refletidas no contexto brasileiro, conforme mencionado pela pesquisadora Sandra Maria Campos:

Nas últimas décadas, a Antropologia Visual no Brasil tem recebido cada vez mais atenção e estudos, expandindo progressivamente o número de pesquisadores que defendem e demonstram o valor da imagem como uma fonte primária de pesquisa científica, capaz de evidenciar a diversidade social em seu contexto histórico e cultural. (CAMPOS, 1996, p. 280)

Portanto, optar esse método para investigar os grafites no Centro Cultural Doca se baseia na eficácia das imagens em capturar não apenas a essência visual, mas também a complexidade e a riqueza da diversidade cultural. Como cita o estudioso John Collier Jr,

A fotografia de ações sociais nos conduz a uma área rica de pesquisa não-verbal. Uma variedade considerável de ilustrações seguras desse campo pode ser observada através de fotografias de aspectos sociais, pois aí encontramos dimensões complexas de estrutura social, da identidade cultural e da expressão psicológica. (COLLIER JR, 1973, p. 49)

Dessa forma, permite-se uma imersão mais profunda na exploração das expressões artísticas presentes no ambiente de estudo. Ao resgatar imagens visuais, a pesquisa se beneficia da capacidade única das representações visuais de transmitir nuances culturais, contextos históricos e emocionais que muitas vezes escapam às descrições verbais, proporcionando uma compreensão mais rica e holística do significado e da importância cultural dos grafites.

O CENTRO CULTURAL DOCA

Em 2017, no Bairro São José, cidade de Aracaju, a Doca se originou não como um centro cultural, mas sim como uma loja colaborativa em que vários artistas sergipanos se reuniam e vendiam seus trabalhos. Contudo, sempre existiu uma preocupação com a cultura local, suas manifestações urbanas e colaboração de diversas pessoas para concretizar suas atividades. Construiu-se, assim, uma condição de centro a partir do crescimento do espaço e demanda por eventos que ali se desempenhavam. Embebidos de cultura em suas entrelinhas, chamou atenção de um público carente desse contexto, que dependia somente de eventuais iniciativas públicas para se conectar, tais como as comemorações de carnaval ou juninas. Vinícius Benevides (2023), o co-fundador da Doca, afirma em entrevista: “[...] é uma capital que fica muito refém de várias questões culturais, a gente não tem muitas propostas públicas e tudo mais, então a gente acaba que na necessidade faz nós mesmo, é nós por nós, e a Doca surge nessa necessidade.”.

Após passar um ano e meio no São José, a Doca se muda para um espaço no centro da capital, área caracterizada por sua historicidade, comportando Museus, o Mercado Municipal, Largo da Gente Sergipana e outros lugares culturais. No novo espaço, o ambiente é repleto de grafites criados por artistas locais em suas paredes, e começa a focar mais em atividades de lazer como uma forma de retorno financeiro, mas também como um jeito de movimentar a cena regional urbana. Ainda sim, não perdem seus propósitos originais: contratam DJs da região, mantendo um bar e eventos relacionados à arte e cultura, como o Baile DiPreto, evento que conta com black music, hip hop e batalhas de dança abertas para inscrições do público; A Mostra de Artes Urbanas (MAU), em parceria com a Fundação Cultural Cidade de Aracaju (FUNCAJU), que comporta oficinas e produções com artistas locais, rodas de conversa, exibição de curta-metragem e roda de freestyle; O “OCUPA” em parceria com o coletivo Incorpórea, que possui o objetivo de ocupar o centro e já possui diversas edições, reunindo coletivos e artistas que pensam e fazem cultura através de diversas perspectivas em oficinas e rodas de conversas;

A partir das necessidades de uma cidade carente desses espaços, a Doca cria oportunidades cruciais para artistas locais, promovendo uma cultura de colaboração, rompendo

com paradigmas tradicionais e democratizando a arte. Como deixam claro em suas redes sociais ao se posicionarem “Doca é local e é suporte” (Instagram, 2023), assim como Vinícius diz em entrevista ao ser perguntando qual é a missão fundamental do espaço:

É então, a gente até usa um dos slogans, que é "suporte local". A gente se vê, né, como centro cultural, sendo um suporte. A gente não é a cena local, a gente não é tudo, mas a gente faz parte e a gente é uma parte importante porque a gente tem movimentado, sabe? E acho que a grande questão desse suporte é movimento. E aí, como eu disse, a gente não consegue fazer nada sozinho. Então, se eu consigo dar suporte aos artistas daqui, os artistas daqui conseguem se movimentar e criar outras oportunidades, movimentar a cidade, movimentar o público. (BENEVIDES, 2023).

A evolução consciente da Doca preenche lacunas esquecidas das políticas públicas, evidenciando sua sensibilidade para as necessidades da comunidade. Destaca a cultura sergipana e o urbano, sua importância e valorização, incentivando os seus frequentadores a adotarem essa mesma visão. No fim, a Doca gradativamente se caracteriza como um centro cultural.

Um centro cultural é um conjunto de espaços que promovem atividades relacionadas à difusão de informações, à discussão de ideias e ao incentivo da criação. É um local que não tem distinção de público, é aberto à população em geral e acolhe todos os que estiverem interessados em suas atividades. Atua na difusão da cultura e de suas diversas formas de manifestação, mais tradicionais ou de caráter mais contemporâneo, contribuindo, assim, para a preservação e manutenção desta. (WERGENES; FÉLIX, 2013)

Essa definição também é convergente ao pensamento de Milanesi, que esclarece o centro cultural como “a reunião de produtos culturais, a possibilidade de discuti-los e a prática de criar novos produtos.” (2003, p. 28). Para Milanesi (2003, p. 13), também entende-se que a sociedade é marcada por uma cultura industrializada onde há valorização extrema do consumo é coerente com esse pensamento. A cópia e reprodução prevalecem nos grandes meios de comunicação, e se aniquila qualquer incentivo ao criar e refletir. Apenas aqueles que possuem outras informações conseguem se desviar desse sistema, portanto, o centro cultural se apresenta como um lugar para cultivar a capacidade para romper e criar.

No final de 2023, a Doca fecha para reforma, mas pretende voltar com um calendário cultural ainda mais focado em atividades que acentuam seu posicionamento como centro. O co-fundador afirma:

A gente tem a agenda semanal, que é essas atividades à noite, né? E agora, pro final do ano, a gente vai dar uma fechadinha agora pra reforma. E aí, pós-

reforma, a gente já vai começar o movimento à tarde, né? [...] trazendo outras movimentações, cursos, oficinas, palestras. [...] Mas a gente, no próximo ano agora, quer estar mais voltado para os cursos. Tem alguns eventos nossos que a gente quer resgatar. Tem a Mostra de Artes Urbanas. Tem a Semana de Empreendedorismo, Cultura e Arte, que é a SECA. E, enfim, o próximo ano aí... (BENEVIDES, 2023).

O GRAFITE

O grafite, como expressão urbana, transcende barreiras tradicionais e emerge como uma linguagem visual que vai além da mera estética, ativamente moldando as paisagens urbanas. Nas instalações da Doca, o grafite não é apenas uma manifestação artística; é uma narrativa intrínseca à identidade cultural sergipana, carregando consigo camadas profundas de significado e uma riqueza de expressões que merecem exploração.

Ao abordar o grafite como arte, Estrella, mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, destaca que,

Discutir o grafite como arte, a partir de sua negociação com a própria cultura, está longe de considerar esta produção artística como um ato de puro vandalismo, de escárnio ou mesmo de dilapidação do patrimônio público; ao contrário, o grafite é uma tentativa em reaver, remarcar e fixar novas significações à cidade. Nesta dinâmica o grafite aposta em captar, ou ainda, cooptar o olho humano (e urbano) com a intensidade de cores e com a própria dimensão arquitetônica de suas imagens (ESTRELLA, 2003, p. 133).

Nessa dinâmica, cria-se uma experiência visual que desafia as expectativas convencionais, como afirmado por Estrella, em que "[...] o grafite é promotor de um encontro curioso entre o peso da arquitetura urbana e a leveza do imperativo da imagem atual" (2003, p. 136).

O grafite torna-se uma forma de comunicação visual que transmite mensagens, histórias e desafios que ecoam as experiências e aspirações da comunidade. Desafia as normas sociais estabelecidas e democratiza a arte ao ser uma forma de arte acessível e visível, oferecendo à comunidade local um meio de expressão e identificação. As paredes se tornam um espaço de encontro cultural, incentivando a colaboração e a troca de ideias entre artistas e público.

REGISTRO DOS GRAFITES NA DOCA

Figura 1 – Compilação de Grafites dentro do espaço da Doca¹

1 Artistas: Wendell Campos, Tainá Andery, Livre Amar, Nagô, Juno e pichações dos clientes.



Fonte: Autoria Própria

Figura 2 – Parede com compilado de Grafites na Doca²



Fonte: Autoria Própria

Figura 3 - Compilação de Grafites dentro e fora do espaço da Doca³

2 Artistas: Juba THC, Buga, Sonso, Boom SL e Brabo.

3 Artistas: Lucas Couto, DL, Lucas Couto e Alma Rô.



Fonte: Autoria Própria

DESIGN ANTROPOLÓGICO

A conexão entre o design e a antropologia nasce da necessidade essencial de não apenas conceber produtos ou serviços, mas de entender o usuário e seu entorno cultural, social e comportamental. Esse movimento busca uma compreensão mais completa dos comportamentos sociais e culturais, elementos cruciais na criação de soluções de design autênticas e contextualizadas. Visando não apenas considerar o usuário como um elemento passivo, mas como o epicentro do processo criativo, adaptando-se às suas verdadeiras necessidades e aspirações dentro de contextos culturais específicos. Esse entrelaçamento entre design e antropologia se torna vital para desenvolver soluções mais humanas, contextualizadas e integradas às dinâmicas sociais, buscando um design mais inclusivo, como destaca os estudiosos Wendy Gunn, Ton Otto e Rachel Charlotte Smith:

O design antropológico é um campo emergente e é praticado de diferentes maneiras, dependendo da posição metodológica de cada um. As práticas de design tentam estabelecer conexões (embora parciais) entre passado, presente e futuro. Idealmente, no presente, você tem uma visão do passado para criar um futuro a partir do cotidiano. Os praticantes do design antropológico acompanham situações dinâmicas e relações sociais e se preocupam com como as pessoas percebem, criam e transformam seus ambientes por meio de suas atividades cotidianas. Essa visão desafia a ideia de que o design e a inovação se referem apenas à geração de coisas novas como sendo central para os processos de mudança social e cultural. As práticas do design antropológico ocorrem em diferentes escalas e cronogramas e envolvem várias

disciplinas, cada uma trazendo suas próprias maneiras distintas de conhecer e fazer (GUNN et al., tradução nossa, 2013, p. XIII, prefácio).⁴

Incorporar elementos locais no processo criativo permite aos profissionais desenvolverem uma estética singular e emocionalmente envolvente. A exploração de detalhes específicos do ambiente investigado, como símbolos, cores, texturas e temáticas, enriquece consideravelmente o resultado final das criações. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais ampla e genuína transmissão da identidade local, gerando conexões significativas e impactando positivamente a sociedade onde os futuros projetos serão aplicados.

Um exemplo é o trabalho de Robsom Aurélio, designer cujo projeto de tipografia, "Rooftop", ganhou destaque no Behance, plataforma online para profissionais compartilharem e descobrirem trabalhos criativos. Aurélio incorporou elementos das ruas, principalmente o estilo de pixação feita com "um rolinho de pintura fixado em um longo cabo" (AURÉLIO, R. 2016), técnica utilizada para alcançar locais inacessíveis com spray, praticada em Brasília. Essa estética urbana, inserida de forma inovadora na tipografia, refletiu a cultura local e, ao mesmo tempo, evidenciou a singularidade e autenticidade da arte urbana como forma de expressão. O reconhecimento recebido por meio do prêmio "Behance Appreciation Award", conquistando o segundo lugar e obtendo destaque na página principal do site de portfólios.

Outra demonstração desse processo é a campanha "Air Max Graffiti Stores" da agência AKQA Casa, um escritório da AKQA no Brasil, em colaboração com o coletivo de arte de rua InstaGraffiti, que foi premiada com o principal prêmio, na categoria Media, do Festival Internacional de Criatividade de Cannes. Essa campanha transcendeu a simples utilização dos grafites da capital paulista como fonte de inspiração, integrando-os profundamente ao processo criativo. Em resposta à remoção de vários grafites pela Prefeitura de São Paulo durante a gestão Dória, em 2017, a Nike convidou diversos artistas para atualizarem suas obras, incorporando os tênis Air Max da marca nos pés dos personagens. Além disso, os interessados no produto precisavam visitar os grafites para adquirir os tênis, impulsionando e ampliando ainda mais a

4 "Design anthropology is an emergent field and is practiced in different ways depending on one's methodological positioning. Design practices attempt to make connections (albeit partial) between past, present, and future. Ideally, in the present you have a vision of the past in order to create a future out of the everyday. Practitioners of design anthropology follow dynamic situations and social relations and are concerned with how people perceive, create, and transform their environments through their everyday activities. This view challenges the idea that design and innovation only refer to the generation of new things as being central to processes of social and cultural change. Design anthropology practices occur across different scales and timelines and involve many disciplines, each bringing their own distinct ways of knowing and doing" (p. XIII, prefácio)

divulgação da arte urbana. Essa abordagem não apenas transformou o grafite em um meio de produção e de ricas conexões culturais, mas também ressaltou a importância desse estilo artístico como parte intrínseca da identidade urbana e cultural. Como consequência dessa campanha notável, os tênis esgotaram em questão de minutos, demonstrando a repercussão imediata e o sucesso da iniciativa.

Esses exemplos ilustram como o Design Antropológico agrega valor ao processo criativo, permitindo que designers capturem a essência local e transformem elementos culturais em criações impactantes e autênticas, estabelecendo conexões emocionais profundas com o público-alvo.

O desenvolvimento dessa abordagem, especialmente focada na perspectiva sergipana, é apresentada neste estudo como forma de potencializar o fortalecimento para futuras pesquisas e projetos. Acredita-se que uma compreensão mais aprofundada da cultura local pode oferecer novas perspectivas, resultando em abordagens inovadoras e culturalmente sensíveis, aplicáveis não apenas no campo do design, mas também em diversas outras áreas de estudo que possam se beneficiar dessas investigações.

CONCLUSÃO

Este artigo produziu registros fotográficos dos grafites a fim de enriquecer a pesquisa sobre design antropológico se baseando nos métodos apresentados pela antropologia visual. Escolhemos o centro cultural Doca, devido à conexão com a cultura e a expressão artística urbana no cenário sergipano desde sua fundação. Através de uma visita de campo, realizamos registros e efetuamos uma entrevista com o co-fundador do local, no qual foi essencial para uma maior compreensão sobre o centro.

Compreende-se que os registros do grafite trazem benefícios para o design antropológico, já que essa área procura compreender as necessidades e a essência do indivíduo, sua historicidade e sociedade em que está inserido. Assim, o grafite, enquanto expressão artística, tem a capacidade de proporcionar essa percepção de maneira enriquecedora e subjetiva. Na Doca, observa-se uma mescla de identidades, histórias e estéticas, um registro de artistas e sociedade sergipana através dos grafites.

Através desse projeto, o acervo de registros e documentações sobre o grafite sergipano é enriquecido, preservando e compartilhando essa herança cultural. Adicionalmente, é uma contribuição significativa para a pesquisa do Design Antropológico no nordeste brasileiro,

principalmente em Sergipe, ao oferecer um registro visual das expressões artísticas presentes no Centro Cultural Doca.

Para pesquisas futuras, é importante levar em consideração os demais agentes contribuidores para a formação do espaço, como os frequentadores, os artistas e os demais membros da equipe do local, a fim de gerar um embasamento mais amplo sobre as temáticas abordadas através de diferentes perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Air Max Graffiti Stores. AKQA, 2019. Disponível em: <www.akqa.com/work/nike/air-max-graffiti-stores/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ARAUJO, L. **AKQA Conquista O Grand Clio Com O “Nike Air Max Graffiti Stores.** Propmark, 26 set. 2019. Disponível em: <propmark.com.br/akqa-conquista-o-grand-clio-com-o-nike-air-max-graffiti-stores/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

AURÉLIO, R. **ROOFTOP Typeface.** Behance, 22 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/32736877/ROOFTOP-typeface>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BENEVIDES, VINICIUS. **Entrevista concedida aos autores.** Aracaju, 3 nov, 2023. A entrevista se encontra no Apêndice “X” deste artigo.

BRISOLA, S. **Grafite Kueia - Consolação.** Descubra Sampa - Cidade de São Paulo, 12 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.descubrasampa.com.br/2022/11/grafite-kueia-consolacao.html>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CAMPOS. S. M. C. T. L. **A Imagem como Método de Pesquisa Antropológica: Um Ensaio da Antropologia.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1996.

COLLIER JR., J. **Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa.** 1 ed. São Paulo: Editora EDUSP/EPU, 1973.

DOCA CENTRO. **E o rolê do seu fds, já inclui a Doca? Vacile não, chegue mais.** Aracaju. 15 dez, 2017. Instagram: @docacentro. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bcu8KO9jkWK/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DOCA CENTRO. **Estamos abertos das 10h às 20 de segunda a sexta e sábado a partir das 14h. Fica ligado nos nossos stories pra saber das nossas programações e novidades dos colaboradores.** Aracaju. 1 ago, 2018. Instagram: @docacentro. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BI8o8RqBphP/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DOCA CENTRO. **Uma construção de vários dias e várias noites, com diversas mãos e apoios. O que fortalece nosso sonho é poder gerar esses movimentos e conectar pessoas. Doca é local e é suporte.** Aracaju. 18 mar, 2023. Instagram: @docacentro. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cp8YKWEu5tJ/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Do Grafite a Uma Tipografia Em Destaque. Design Conceitual, 5 jul. 2016. Disponível em: <designconceitual.com.br/2016/07/05/do-grafite-a-uma-tipografia-premiada/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Doria Manda Apagar Grafites dos Arcos do Jânio e da Av. 23 de Maio. UOL, 14 jan. 2017. Disponível em: <noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/14/doria-manda-apagar-grafites-dos-arcos-do-janio-e-da-av-23-de-maio.htm>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ESTRELLA, Charbelly. **A poética do grafite e a visualidade do ambiente urbano**. Revista LOGOS: Comunicação & Universidade, ano 10, n.18, Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 1º semestre de 2003.

GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. **Design Anthropology: Theory and Practice**. 1 ed. Londres: Routledge, 2013.

LULIO, M. **AKQA: O Brasil Que Vive Por Trás Das Mentres Criativas. Consumidor Moderno**. 25 jul. 2017. Disponível em: <consumidormoderno.com.br/2017/07/25/akqa-brasil/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1994.

MILANESI, L. A. **A casa da invenção: bibliotecas, centro de cultura**. 4 ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003.

NAME, J. O. L. **Antropologia Visual**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino à Distância, 2015.

PEZZOTTI, R. **Muros Grafitados Para a Nike Ganham Grande Prêmio Em Cannes**. UOL, 19 de jun, 2019. Disponível em: <economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/19/muros-grafitados-para-a-nike-ganham-grand-prix-em-cannes.htm>. Acesso em: 30 nov. 2023.

RIBEIRO, J. da S. **Antropologia Visual, Práticas Antigas e Novas Perspectivas de Investigação**. Lisboa, 2005. Universidade Aberta de Lisboa. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ra/a/MtQwkdZbLPyfSX6dCzMd3wj/?lang=pt#>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SORAIA, A. **Cannes Lions 2019: Brasil Leva Grand Prix de Media Com Agência AKQA**. B9, 19 jun. 2019. Disponível em: <www.b9.com.br/110046/cannes-lions-2019-brasil-leva-grand-prix-de-media-com-agencia-akqa/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

WERGENES, T. N. de; FÉLIX, N. M. L. R. **Centro cultural em Faxinal dos Guedes / SC: Importância e possível projeção socioeconômica e cultural**. Unoesc & Ciência - ACSA, [S. I.], v. 4, n. 2, p. 165–172, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/acsa/article/view/3709>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Amanda Bomfim: Atualmente, realizando o último período em Design através da Universidade Tiradentes em Aracaju, Sergipe. Atua também como ilustradora e possui projetos na área. **(autora)**

Ana Caroline Moreira: Cearense, residindo em Sergipe, graduada em Gastronomia, pela Universidade Tiradentes em Aracaju, Sergipe. Atualmente, realizando o último período em Design através da Universidade Tiradentes em Aracaju, Sergipe. **(autora)**

Lucas Sena: Atualmente, realizando o último período em Design através da Universidade Tiradentes em Aracaju, Sergipe. **(autor)**

Cássia D'Antonio: Doutora em Ciência da Propriedade Intelectual - Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Educação - Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Filosofia: Ética e Teoria do Conhecimento - Universidade Federal de Sergipe (UFS); Bacharel em Comunicação Visual - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Bauru/SP). Formação em Multiplicadores de Design Estratégico CRIED/Istituto Europeu di Design. Especialista em Didática do Ensino Superior (Associação de Cultura Pio Décimo/SE). Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Design Gráfico da UNIT/SE (2012-atual). Professora do curso de Design Gráfico; Design de Interiores e Tecnologia em Jogos Digitais UNIT/SE. Orienta atividades de extensão com aplicação do design na sociedade local. Desenvolve palestras, minicursos e oficinas sobre prática profissional do design, gestão do design, artes gráficas, desenho, criatividade e inovação. Atualmente envolvida com pesquisa sobre design-educação, design-transferência de tecnologia, design-sociedade, design e etnografia. Responsável pela Direção do Escritório Modelo de Design Gráfico da UNIT/SE (2011-2015). Responsável por elaborar Materiais Didáticos para EAD. Atuou como Membro do GEDUC - Gerência de Educação Continuada UNIT - Universidade Tiradentes e SET- Sociedade de Educação Tiradentes. Atuou como coordenadora do Curso de Graduação de Design Gráfico/UNIT (2001-2012). Coordenação dos programas de Pós-Graduação Lato Sensu/UNIT Gestão do Design para Imagem Corporativa (2008-2009) e Representação Gráfica de Projetos 3D (2012-2013). **(co-autora e orientadora)**

Marcelo Almeida: Mestre em educação pela Universidade Tiradentes (2020) Possui graduação em Programa especial de formação pedagógica pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2008) e graduação em Design Gráfico pela Universidade Tiradentes (2002). Atualmente é professor no curso de design gráfico da Universidade Tiradentes e professor - RELICTO. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em DESIGN GRÁFICO, atuando principalmente nos seguintes temas: design gráfico, comunicação visual, diagramação, identidade visual e design de superfície. **(co-autor e orientador)**